Lugar de menina é na ciência, na tecnologia e onde mais ela quiser!

Os estereótipos de gênero ocorrem em diferentes fases da vida e são um dos fatores por trás da segregação que limita o acesso feminino às áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM, na sigla em inglês), segundo o relatório "Uma Equação Desequilibrada" da UNESCO em parceria com o British Council.

Além disso, a falta de representatividade e a persistência de estereótipos reforçam esse afastamento. Mas, então, o que é preciso fazer para mudar essa realidade? Neste texto, vamos discutir a importância da educação inclusiva e como iniciativas como essa podem contribuir para um ambiente acadêmico e profissional mais diverso e equitativo. Confira!

A desigualdade de gênero na ciência

A pesquisa "*Why Europe's girls aren't studying STEM*" (Por que meninas europeias não estão estudando STEM, em tradução livre), da Microsoft, revela que a maioria das jovens europeias se sentem atraídas pela ciência, tecnologia, engenharia e matemática entre os 11 e 12 anos de idade, mas esse entusiasmo diminui drasticamente entre os 15 e 16 anos. O estudo também diagnosticou que apesar das garotas acreditarem que podem fazer tudo e se sentirem parte da primeira geração em que homens e mulheres receberão o mesmo tratamento em todos os aspectos da sociedade, elas reconhecem que a desigualdade de gênero ainda é uma barreira real em carreiras científicas e tecnológicas.

De acordo com um estudo lançado pela plataforma Força Meninas em 2023, este **sentimento é compartilhado por meninas brasileiras**, já que 57,1% das crianças afirmam não conhecer nenhuma mulher que trabalhe nas áreas de ciências, tecnologia, engenharia e matemática.

> "O povo não bota fé. Se tiver um homem ou uma mulher cientista, eles vão pensar que o homem é mais inteligente. Por quê? Eu não sei. Mas é assim que acontecem as coisas" - Menina de 12 anos, estudante de escola pública em São Luís-MA, em depoimento para a plataforma Força Meninas.

Os números refletem a desigualdade sobre a qual as jovens se referem. Segundo a UNESCO, 71% dos pesquisadores universitários do mundo são homens (UNESCO, 2020). Além disso, **somente 3% dos prêmios Nobel de Ciências foram concedidos a mulheres, e, no Brasil, a presença feminina em cargos de liderança na área de ciência e tecnologia varia entre 0% e 2%**, de acordo com pesquisa realizada pela Unesco em parceria com o British Council.

O secretário-geral da ONU, António Guterres, destacou durante a Comissão sobre o Status da Mulher que a desigualdade na ciência e tecnologia é fruto de séculos de patriarcado, discriminação e estereótipos nocivos. Segundo ele, "**As estruturas globais não estão funcionando para mulheres e meninas. Elas precisam mudar"(CNN Brasil)**. Essa fala ecoa a urgência de ações transformadoras para garantir que meninas e mulheres possam acessar, permanecer e liderar em campos científicos.

Ao refletir sobre o percentual historicamente menor de mulheres nestas áreas, Dalila Andrade Oliveira, diretora de Cooperação Institucional, Internacional e Inovação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), comentou: "Seria muito simplista encontrar uma razão só para esse fenômeno; isso tem muito a ver com os papéis sociais que a gente assume".

A escola como ferramenta de transformação

Os desafios para a equidade de gênero na educação vão além do currículo: envolvem os métodos de ensino, a falta de representatividade nos espaços acadêmicos e a ausência de um ambiente que estimule a participação de meninas nas ciências e na tecnologia. Para superar essas barreiras, é essencial **adotar uma abordagem pedagógica que valorize a diversidade, desconstrua estereótipos e apresente modelos inspiradores.**

Paulo Freire, um dos mais importantes educadores e pensadores brasileiros, defendeu uma educação democrática e transformadora. Sua célebre frase — *"Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo."* — ressoa até hoje, enfatizando que a verdadeira mudança social nasce da formação de indivíduos críticos e engajados. Seu conceito de escola cidadã propõe um espaço de direitos e deveres, onde a educação vai além da transmissão de conhecimento, promovendo diálogo, troca de saberes e fortalecimento da comunidade. Para isso, é essencial cultivar um ambiente de liberdade, companheirismo e participação ativa entre educandos e educadores.

Nessa mesma linha, bell hooks, em *"Ensinando comunidade – uma pedagogia da esperança"*, argumenta que a diversidade fortalece o aprendizado e que um ensino verdadeiramente democrático precisa incentivar o diálogo e evitar a reprodução de estruturas de dominação. *"O diálogo é o espaço central da pedagogia para o educador democrático"*, afirma. Assim, educadores devem construir estratégias pedagógicas que não reforcem desigualdades, garantindo que estudantes de diferentes origens se reconheçam e se sintam pertencentes ao espaço escolar.

A educação, quando conduzida dessa forma, transcende a mera transmissão de conhecimento. Como destaca Parker Palmer, aprender vai além da aquisição de informações ou da busca por um emprego: trata-se de um processo de cura, empoderamento e pertencimento. Uma escola comprometida com esses princípios não apenas instrui, mas transforma — promovendo uma sociedade mais justa, inclusiva e livre.

Formando futuras cientistas com o Garotas STEM

O programa Garotas STEM é um exemplo de como a educação pode ser transformada para incentivar meninas a seguirem carreiras em ciência, tecnologia, engenharia e matemática, áreas em que elas ainda são minoria. Este programa financiou 42 iniciativas em duas edições, impactando diretamente 11.630 meninas no Brasil.

Através de ações como oficinas, materiais didáticos específicos e aprimoramento de educadores, o programa visa estimular o interesse das meninas por essas áreas além de oferecer o suporte necessário para que se sintam preparadas e seguras para seguir seus sonhos. Essas ações são acompanhadas por uma série de materiais educativos disponíveis para professores e educadores, que podem ser acessados e implementados diretamente nas escolas.

O trabalho do British Council também inclui a promoção de debates sobre as barreiras enfrentadas pelas meninas e mulheres nas áreas STEM, levantando questões como a necessidade de políticas públicas que garantam um ambiente educacional mais inclusivo e igualitário. O impacto dessas ações é visível, não só pela quantidade de participantes do programa, mas também pelos relatos de transformação pessoal e profissional das meninas envolvidas.

Fique por dentro

1ª edição do Garotas STEM

Em parceria com o Museu do Amanhã, a chamada financiou 12 projetos já existentes que promovem a participação mais ampla de estudantes do ensino fundamental e médio nas carreiras científicas no Brasil.

2ª edição do Garotas STEM

Em sua segunda edição, o programa selecionou 30 projetos de incentivo ao envolvimento de meninas e mulheres nas áreas de STEM, com foco em tecnologia e de colaboração entre escolas, universidades e espaços não formais de ensino.

Acesse a publicação aqui.

O caminho para aumentar a presença de meninas em STEM não é simples, mas é possível. Para que essa transformação aconteça de forma verdadeira e sustentável, é preciso que a educação seja pensada como um sistema interconectado, em que todos os atores – professores, escolas, políticas públicas e organizações como o British Council – trabalhem em conjunto. **O futuro da ciência e da tecnologia é, sem dúvida, mais brilhante quando ele é feito por todas e todos**.

Quer conhecer mais sobre os programas do British Council? Acesse a 4ª edição da Revista Mulheres na Ciência.

Por Latinocêntrica
Programa Mulheres na Ciência
British Council
www.britishcouncil.org.br

Abril, 2025